

REPRESENTAÇÕES DO CORPO POR PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE ATUAM NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESCOLAR DE ENSINO DE MACEIÓ-AL

Marcus Vinicius da Silva¹

Luis Paulo Leopoldo Mercado²

Luciana de Oliveira Rocha Magalhães³

Resumo: Este artigo aborda as representações do corpo por professores de Educação Física atuantes no Ensino Fundamental em escolas públicas e privadas em Maceió-Alagoas. Tem como problema como é que o professor de Educação Física tem a concepção de corpo? O objetivo principal é analisar as representações sociais sobre o corpo. Seu problema se constrói a partir de um momento que várias formas de pensar este corpo se desenvolvem numa sociedade com diversas concepções. A metodologia do estudo tem natureza qualitativa e do tipo etnográfica. O grupo estudado foi composto por 10 (dez) professores de Educação Física da rede de ensino de Maceió-AL. A coleta de dados se deu por entrevistas semiestruturadas analisadas utilizando-se a análise do discurso. A representação do corpo de professores foi considerada uma construção simbólica a partir do imaginário, de forma que a sociedade em que vivemos contempla uma miríade de significações construídas na práxis, no complexo teórico-metodológico imbricado no movimento dos fenômenos que constituem a realidade.

Palavras-chave: Representações Sociais, Corpo, Educação Física, Perspectiva do Professor.

Body Representations by Physical Education Teachers Working in Elementary Education in The Maceió-Al School

This article addresses the representations of the body by Physical Education teachers working in Elementary Education in public and private schools in Maceió-Alagoas. Its problem is how the Physical Education teacher has the conception of the body? The main objective is to analyze the social representations about the body. Its problem is constructed from a moment when

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pesquisador CAPES pelo Programa PIBIP. Email.: mvinicius98@hotmail.com

² Professor Titular da Universidade Federal de Alagoas com atuação na graduação em Pedagogia e na Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Educação e Doutorado em Ensino - Rede Nordeste de Ensino (Renoen). Email: luispaulomercado@gmail.com

³ Pós doutoranda no Programa de Educação: Psicologia da Educação -PUCSP. Bolsista CAPES - Programa Estratégico Emergencial de Prevenção e Combate a Surtos, Endemias, Epidemias e Pandemias. Email: luciana.magalhaes@unitau

several ways of thinking about this body develop in a society with diverse conceptions. The methodology of the study is qualitative and ethnographic in nature. The group studied was composed of 10 (ten) Physical Education teachers from the education network of Maceió-AL. Data collection was through semi-structured interviews analyzed using discourse analysis. The representation of the teachers' body was considered a symbolic construction from the imaginary, so that the society in which we live contemplates a myriad of meanings constructed in praxis, in the theoretical-methodological complex intertwined in the movement of the phenomena that constitute reality.

Keywords: Social Representations, Body, Physical Education, Teacher's Perspective.

1.Introdução

A representação do corpo dos professores de Educação Física tem sido um tema importante no campo da educação, pois essa área muitas vezes está atrelada a concepções de saúde, estética e desempenho físico (SOUZA, 2023). Neste artigo buscamos compreender como os professores de Educação Física, atuantes no Ensino Fundamental na cidade de Maceió, percebem e vivenciam a construção de suas identidades corporais no ambiente escolar. Através desta análise, é possível refletir sobre como essas representações impactam o processo educativo e a relação dos estudantes com a atividade física.

A relevância social deste estudo reside na compreensão das representações corporais dos professores de Educação Física, especialmente no contexto escolar do Ensino Fundamental, no qual esses profissionais têm um papel formativo fundamental. Essas representações influenciam diretamente a percepção dos alunos sobre o corpo, saúde e atividade física, além de moldar comportamentos e valores relacionados à autoimagem e à aceitação.

O corpo, no contexto escolar do ensino de Educação Física, não é apenas um objeto de estudo, mas também um meio de interação e influência social (VIEIRA *et al.*, 2023). Esse estudo justificou-se pela necessidade de explorar como as representações corporais dos professores influenciam suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, a percepção dos alunos sobre o corpo e a atividade física. Num momento em que se discute muito sobre a diversidade de corpos e limitações corporais, é relevante compreender se e como essas questões são refletidas pelos profissionais da área.

Ao analisar como os professores percebem e expressam suas identidades corporais, este estudo contribui para uma visão crítica sobre estereótipos e pressões sociais enfrentadas por profissionais de Educação Física, como a ideia de que eles devem necessariamente conter corpos considerados como "ideais" ou atléticos. Esse pensamento promove importante reflexão acerca do impacto desses padrões estéticos na saúde mental e física dos professores e em que medida essas expectativas podem ser intervenientes em sua vida profissional, uma vez que, há uma visão deturpada sobre a função do profissional na sociedade.

O estudo também se apoia em discussões sobre a diversidade corporal e a inclusão, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a acessibilidade de diferentes tipos de corpo e combatam estigmas. Esse entendimento pode contribuir para um ambiente educacional mais acolhedor e que valorize a saúde e o bem-estar em uma perspectiva ampla, rompendo com padrões de beleza restritivos e promovendo uma visão mais holística.

2. Imaginário Social

Qualquer tentativa de aprender a representação como algo finito, inteligível, manipulável é a decretação de sua morte, pois não é possível identificar uma essência determinada de antemão, muito menos a possibilidade de uma existência autônoma em sua manifestação. Sendo a representação mediadora entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo, situada nos intervalos entre o interior e o exterior, entre o sujeito e o objeto, entre a presença e a ausência, não significa dizer que ela seja fruto da apreensão imediata do sujeito em contato direto com a realidade que o cerca, da mesma forma que não é simples relação social.

Não é possível conceber a vida sem representação, da mesma forma que não é possível conceber a representação como a cristalização de valores irreduzíveis ao espaço-tempo social. Viver é representar e transgredir aquilo que se representa. Os indivíduos produzem múltiplos sentidos que os inscrevem no mundo a partir dos sentidos construídos dentro de seu tempo, de sua cultura. O sujeito se representa por meio do objeto, o real por meio do diferente. Toda presença pressupõe uma ausência, não do que foi perdido, mas do imediato, do presente que não se manifesta, mas vibra, alavanca e fundamenta a imagem, o visível.

As representações são produtos humanos que não derivam diretamente de nenhum componente da prática, se não em suas interferências, em suas aberturas, em suas rupturas e hiatos. É uma produção intermediária entre o vivido incerto e o concebido elaborado. Aquilo que o indivíduo faz de si, do mundo e dos outros é profundamente vivido como verdade por ele; portanto, é uma representação significativa por excelência. Sendo assim, a representação é a alma das relações sociais e é concreta porque fixa o homem simbolicamente no mundo.

2.1 Imaginário Social e Educação Física

Para Ferreira *et al.* (2011), o imaginário social, enquanto objeto de conhecimento, como produção discursiva, fala mediante múltiplas linguagens que assume dimensões religiosas, filosóficas, políticas e arquitetônicas. Buscam-se sentidos dos textos, das coisas, das imagens, dos gestos, das cores, dos sons e dos sinais como signos de uma coletividade que nos remetem a múltiplos sentidos.

Os corpos e os objetos falam e possuem uma lógica própria do dizer, na medida em que são produções sociais. São formas de expressão que nos remetem ao campo do indizível, do mistério, do invisível, dos sonhos e dos desejos. Investigar esse imaginário social é propor um diálogo com o mistério, com o imponderável, com o inexplicável aos olhos da ciência cartesiana.

O homem passa grande parte de sua experiência tentando entender de onde veio e para onde vai. A descoberta do sentido da existência é tão procurada que as diversas ciências parecem conflitar sobre os mesmos conteúdos. O homem como ser emocional capaz de criar símbolos, de fazer pontes entre céu e terra e de diferenciar o sagrado e o profano.

O homem é essencialmente simbólico. O símbolo se apresenta então como um valor existencial que visa a realidade ou a situação que determina a existência humana. Ele revela uma particularidade do real que não é evidente na experiência imediata captada pelos sentidos. A criação dos símbolos corresponde às necessidades de preenchimento da intimidade do ser. Imagens, mitos e símbolos são criações humanas que, mediante ritos no espaço e no tempo, atualizam a psique.

Mediante a produção simbólica é possível orientar e canalizar a adesão emocional das pessoas às coisas que elas desejam. Os corpos falam e possuem

suas próprias lógicas do dizer, na medida em que são produções sociais. É de extrema importância compreender o que os corpos estão falando nas aulas de educação física. É na busca do indizível, do invisível, do imponderável, dos mistérios, dos sonhos e dos desejos que vamos entender os significados e as representações dos corpos nas aulas de Educação Física escolar. É preciso dialogar com o mistério desses corpos e mergulhar nas suas crenças mais profundas.

Para Ferreira *et al.* (2003), quem trabalha com o imaginário deve saber que ele nunca é uma fotografia, mas que ele dá movimento às fotos. As aulas de Educação Física são mescladas por desejos e fantasias e a representação corporal dos professores de educação física é de grande valia para compreender o universo simbólico e imaginário dos alunos.

2.2 Imaginário Social e Corpo

O imaginário possibilita ao sujeito criar fantasias em torno das representações, ao passo que ele se constitui de representações periféricas e de estruturas profundas. Ele também caminha no mundo das crenças. Por trabalhar com oposições, o imaginário, ao afirmar as crenças, nega outras, que são interdições. Se existem ideias de corpos belos, é porque existem ideias de corpos feios. Se existe a ideia de corpo vencedor, é porque já existe a ideia de corpo fracassado. Sempre que construímos esse amálgama de sentidos apresenta-se um dever ser, um certo e um dever não ser, um errado.

Para Ferreira e Costa (2003, p.17) "no esporte e na ginástica, veiculados pela mídia, por exemplo, aqueles corpos ágeis, belos, jovens, saudáveis, produtivos, calam os corpos lentos, envelhecidos, marcados, improdutivos, dos cidadãos comuns". Dessa forma, o imaginário é responsável por auto-organizar o sistema coletivo que todos nós vivemos, se constituindo como espaço único de liberdade que define a trajetória humana, e através dele o homem interage com o mundo.

É a faculdade da simbolização a dimensão de onde os medos, as esperanças e a cultura jorram continuamente ao longo de toda a história humana. O corpo, como potência simbólica, celebra um culto. Esse corpo está marcado por símbolos, mitos e representações. O corpo, enquanto instrumento sociocultural, possui diversos sentidos coletivos. O culto ao corpo, hoje, desperta uma gama de

sentimentos, paixões, desejos, emoções e imaginações. A estética nunca foi tão valorizada, e até mesmo profanada, como hoje. Nessa medida, torna-se relevante entender de que forma os professores de educação física do ensino fundamental estão trabalhando com o conceito tão complexo de corpo, mergulhado num imaginário social e num inconsciente coletivo.

2.3 O Corpo como Objeto de Culto

Para Goldenberg (2011), mostrar o corpo e aceitá-lo como é, constitui-se numa barreira para muitas pessoas ao perceberem que não se enquadram nesse padrão de beleza. Por intermédio da televisão, cinema, publicidade, revistas e outros, as pessoas se sentem na obrigação de corresponder à beleza vigente. O corpo tornou-se um mero objeto de consumo e a publicidade exalta suas vantagens e possibilidades de lhe oferecer uma espécie de corpo novo. O corpo tornou-se uma forma de salvação, criando um sistema de crenças e de rituais tão fortes como de qualquer religião.

O corpo é um símbolo que consagra e torna visível as diferenças entre as pessoas, daí porque se entende que a autonomia do indivíduo pode ser lesada pela opinião dos outros e quando sob influência da mídia. O corpo é, dessa forma, um valor, uma marca, um símbolo da individualidade, e, mais que tudo, fruto dos desejos da sociedade.

2.4 O Corpo Docilizado em Michel Foucault

Para Foucault (2013, p. 126) "é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado". Pode-se perceber que em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Nasce uma mecânica do poder que possui domínio sobre o corpo dos outros para que operem como se quer segundo a eficiência e rapidez dos dominadores.

Para Foucault (2013), o tempo medido e remunerado deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo seu transcurso o corpo deve ficar aplicado ao exercício. Percebe-se uma relação com uma Educação Física que há alguns anos se propunha a estabelecer uma aula

repleta de exercícios físicos em princípios pedagógicos e ludicidade. Uma educação física puramente mecânica e sem sentido.

O exercício é a técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas repetitivas e diferentes, dirigindo o comportamento para um estado que os corpos serão moldados, de acordo com a seriação e classificação. Freire (1997, p.23) exalta que "na contemporaneidade as pessoas aprendem mais pelos meios de comunicação do que na escola". Esse exercício permite uma perpétua caracterização do indivíduo em relação aos outros indivíduos ou em relação ao percurso. O exercício, transformado em elemento de uma tecnologia política do corpo e da duração, não culmina num mundo além, mas tende para uma sujeição que nunca terminou de se completar. Uma sujeição que até hoje tentamos impedir, com intuito de garantir a autonomia corporal e a liberdade consciente ao aluno de Educação Física.

Junto à vigilância aprimoram-se os métodos de punição, desde uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos indivíduos diferentes do aparelho disciplinar, assim como ocorre na educação escolar atual, onde não se respeita a individualidade do aluno e ele é punido por não acompanhar o rendimento da turma. O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios e sempre foi visto como corretivo, ao passo que há maneiras de se usar o castigo como forma de exercitar. A arte de punir no regime disciplinar não visa nenhuma melhora e sim uma dominação e domesticação dos corpos.

3. Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa do tipo etnográfico. Num primeiro momento foi feita a revisão da literatura referente ao tema, enfocando principalmente a noção de Imaginário Social e suas interfaces com a Educação Física e com o corpo. A produção dos dados ocorreu de maneira situada, considerando as condições reais de trabalho e os contextos socioculturais vivenciados pelos participantes. Estes atuam em escolas localizadas em ambientes diversos, desde locais periféricos até os que contemplam melhores condições sociais. Os professores foram selecionados com base em critérios de

intencionalidade, priorizando-se aqueles com experiência profissional superior a cinco anos, atuantes no Ensino Fundamental em escolas públicas e privadas. Da mesma forma que situamos a discussão sobre o corpo no esteio filosófico proposto por Foucault (2013) e socioantropológico proposto por Goldenberg (2011). No segundo momento, a pesquisa seguiu rigorosos princípios éticos, garantindo o anonimato, a confidencialidade e o consentimento informado dos participantes, em conformidade com as normas nacionais e internacionais de pesquisa envolvendo seres humanos. Todos os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa, a voluntariedade da participação, o sigilo das informações e o direito de desistência a qualquer momento, sem prejuízos. O TCLE foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), seguindo as diretrizes da Resolução CNS 510/2016. A análise dos dados priorizou a fidedignidade das falas, evitando interpretações enviesadas e respeitando as múltiplas perspectivas dos professores sobre o corpo. Assim, foram realizadas dez entrevistas narrativas com 10 (dez) professores de Educação Física atuantes no Ensino Fundamental em escolas públicas e privadas de Maceió e, de acordo com Minayo (2021), as entrevistas foram integralmente transcritas, respeitando pausas, hesitações e marcas da oralidade, pois esses elementos constituem parte estruturante da produção discursiva. Em seguida, foi realizada uma leitura inicial, aberta, permitindo que sentidos recorrentes, tensões e elementos simbólicos emergissem sem categorização prévia. Os sujeitos da pesquisa foram denominados de Professor 1 até Professor 10. O critério de escolha dos participantes se deu considerando-se os que tinham o tempo de experiência na profissão acima de 5 (cinco) anos. As entrevistas aconteceram entre 20 de novembro e 20 de dezembro de 2024 e foram analisadas mediante a utilização da análise do discurso na perspectiva de Orlandi (2002), na qual se privilegia o modo como são produzidos os discursos. Foram extraídos dados da realidade que são pistas discursivas reveladoras, face à sua manifestação durante a enunciação, para posteriormente serem interpretados à luz do referencial teórico no campo interdisciplinar do imaginário, visando pontuar algumas considerações e sugestões finais do trabalho.

3.1 Dados da Realidade

A marca linguística Corpo é uma marca que aparece nos discursos dos entrevistados, aparecendo os relatos de experiências de narrativas da realidade. O corpo enquanto fenômeno a ser estudado possui múltiplos campos de conhecimento. O corpo pode ser estudado como corpo máquina, corpo cultural, corpo instrumento, corpo referência, corpo fisiológico, corpo como fenômeno e outros. Por isso, fica tão difícil entender o que é corporeidade. Para entender este conceito, devemos considerar uma teoria que utilize a corporeidade como instância irradiadora de elementos para uma motricidade humana, intencional e transcendente, que faça uma crítica à sociedade burguesa, capitalista e consumista, mas que considere o ser humano como um ser desejante, um ser fantasioso, ser carente e incompleto que busca a autossuperação cotidiana.

Merleau-Ponty (1994) define o homem a partir da realidade corporal: "sou meu corpo". Dessa forma, o homem coincide com sua realidade corporal. Ele se define pelo corpo e não pelo pensamento. O corpo representa a unidade do homem, unindo dialeticamente o mundo. A ação do homem sempre se dá pela reorganização do esquema corporal, definindo sua zona de corporeidade.

A marca linguística Educação Física é uma outra marca que aparece significativamente no discurso dos entrevistados. Inicialmente, a palavra Educação Física remete o sentido de Cidadania, tema muito presente na educação brasileira. Educar o indivíduo para torná-lo cidadão é um conceito que está sempre presente em qualquer projeto político-pedagógico. Isto não escapa da Educação Física, porque, nas aulas de Educação Física podemos observar como o indivíduo realmente se comporta diante das regras, dos direitos e dos deveres presentes na sociedade.

Há também, por parte de muitos filósofos que refletem sobre a constituição do Estado, ao qual está vinculada a noção moderna de cidadania, um reconhecimento de que a educação é um bem que deve estar acessível a todos os indivíduos, de modo a tornar possíveis as condições para o exercício de uma efetiva cidadania.

A Educação Física escolar seria capaz de conferir tais conteúdos aos movimentos sociais populares quando alguns desses conteúdos são de natureza incompatível com determinadas populações sujeitos de movimentos sociais e

populares? A Educação Física também aparece com o sentido da prática sociocultural. Este sentido remete ao fato de que o corpo é uma construção social e cultural. O corpo não é simplesmente uma construção orgânica, filosófica, biológica, mas é um conjunto de sentidos, de significados, de desejos, de fantasias. Os entrevistados se referiam a Educação Física como prática social e cultural porque entendem que a mesma sempre será marcada profundamente pelo contexto sociocultural. Através do movimento, das atividades lúdicas, da socialização dos indivíduos é possível ampliar a formação cultural e garantir um melhor convívio.

Para Huizinga (2020) os animais brincam tal como os homens e a partir disso já se observa que o jogo é mais do que um fenômeno fisiológico ou psicológico. Ele ultrapassa os limites da vida. O simples fato de jogar encerra uma atividade além do material. Pode-se afirmar que o homem utiliza o jogo para modificar a realidade e o presente. Ele satisfaz as necessidades das crianças.

Antes de ser uma atividade lúdica, o jogo é um instrumento dos mais importantes na educação geral. Por meio dele as crianças exercitam habilidades necessárias ao seu desenvolvimento integral, tais como: autodisciplina, sociabilidade, afetividade, valores morais, espírito de equipe e bom senso. O jogo é um exercício que prepara a criança para a vida e o elemento indispensável e imprescindível na aplicação do jogo é o educador que assume sua crença no poder de transformação do jogo.

O indivíduo autônomo é seguro, aberto e cheio de vida, em condições de estabelecer fortes laços com as outras pessoas. O receio de dar autonomia à criança deriva do preconceito de que, assim, ela se acostumaria desobedecer às regras de comportamento, fazendo-se criminosa. O que ocorre é exatamente o contrário, pois a autonomia viabiliza o desenvolvimento natural e harmônico do ser em direção à vida social. A opressão descaracteriza a criança e constrói obstáculos à convivência humana.

Uma educação autoritária, que não busca a autonomia da criança, é perniciosa. Debilita a força vital e trava o desenvolvimento. Sufoca o interesse pelo mundo, a inteligência, o poder criativo, a fantasia e os desejos. Dificulta o relacionamento com o outro. Educar a criança consiste em garantir a sua autonomia diante das diferentes situações.

3.2 Interpretação dos dados da realidade pesquisada

A marca linguística Corpo aparece nos discursos dos entrevistados com o sentido de corporeidade, de qualidade de vida e de função orgânica.

Inicialmente, a palavra Corpo remete o sentido de Corporeidade. Esse vocábulo foi escolhido pela maioria dos entrevistados para resumir a noção de corpo nas aulas de educação física. Observemos esta colocação sobre corporeidade:

Primeiro eu iria pegar fundo o conceito da corporeidade. Há várias reflexões acerca dele. Essa relação de corpo e também a educação física ampliando sua visão de corpo, não apenas o corpo que joga, mas o corpo que dança e que brinca. (PROFESSOR 1)

A aprendizagem decorre de processos simbólicos e imaginativos. O jogo aparece como ritual que suspende o cotidiano e permite acessar dimensões subjetivas. A corporeidade é entendida como o núcleo de significações que podem atribuir às ações no espaço e no tempo, incluindo a história e a cultura. O homem cria sua zona de corporeidade e reorganiza o esquema corporal à medida que se lança no mundo, que vive a vida, que exerce suas capacidades. Realizar um movimento corporal é realizar os projetos da existência humana. O hábito motor humano não pode ser compreendido apenas pelas ciências médicas e exatas, pois este hábito motor é simbólico, é produtor e produto da cultura. A própria Educação Física deverá superar a tradição do movimento pelo movimento.

Na fala mostrada, a corporeidade aparece conotando um vazio, uma ausência que existe na formação dos professores e na sua atuação pedagógica no cotidiano, na medida em que o entrevistado não diz absolutamente nada. A corporeidade revestida do sentido de vazio subentende imaginariamente o vazio subjetivo e corporal dentro das aulas de educação física. O professor ouve falar de corporeidade, mas na verdade não sabe o que é e nem de que forma esse conceito pode ser trabalhado em suas aulas. Fica evidenciado que esse vazio leva os professores a fazerem sempre um discurso que os distancia de seu compromisso político e social com a Educação Física escolar.

Foucault (2013) já apontava para um corpo mecanizado, dócil e comandado no seu trabalho *Vigiar e Punir*, e Merleau-Ponty (1994), também elaborou críticas à visão mecanicista da fisiologia e da psicologia clássica. Ocorre, hoje, uma transição do corpo mecanizado e disciplinado para um corpo consciente, vivido e autônomo. O sentido do corpo como qualidade de vida passa

pela compreensão de que ele é um objeto físico que revela a identidade do ser, exprimindo seus desejos, sentimentos, crenças, sonhos, medos e angústias. É um conjunto de características sensíveis que definem a qualidade de vida e não apenas os indicadores clínicos-médicos. Atentemos para a resposta de outro participante:

O corpo do homem não é só corpo doutrinado, mas o corpo que está no mundo, que tem sua história, e essa história se reflete através de seu gesto, sua dança, seu andar. (PROFESSOR 2)

. Aqui, o professor ocupa a posição-sujeito “técnica”, que legitima a autoridade pedagógica. No nível discursivo, a criança aparece como corpo “indisciplinado”, pré-social, que deve ser regulado pela escola. O discurso produz sentidos que vinculam corporeidade à normatividade. O encontro de palavras entre o corpo, história e o mundo aparece com um sentido relevante para a compreensão da Educação Física atual. Todo corpo possui uma história e a que nós percebemos hoje é fruto de uma construção do passado. Na fala transcrita fica evidenciado que para construir uma Educação Física de qualidade é necessário compreender como esse corpo se manifestou em diferentes épocas da humanidade. Neira e Lopes (2024) afirmam que essa percepção reflete um estereótipo que associa o profissional da área a um corpo idealizado, o que pode ser tanto positivo, por promover a saúde, quanto limitador, por estabelecer padrões difíceis de serem realizados e sustentados.

A heterogeneidade de alunos e a carga horária pequena da Educação Física na escola não possibilita que o professor possa fazer uma avaliação diagnóstica para entender que corpo é esse que está presente em suas aulas. Revela-se a dificuldade de compreender o sentido histórico dos corpos.

A nossa diferença para o animal é que o animal é um corpo, nós além de sermos um corpo, temos consciência de um corpo, então a busca por um estereótipo de corpo que através desta consciência que a mídia impõe é visível. (PROFESSOR 4)

Parece existir um certo encantamento com a capacidade humana de pensar, nesse sentido, mesmo que os homens possam cometer erros e fazer escolhas ruins, a fala do entrevistado evidencia que a consciência do ser humano, neste caso a consciência corporal, faz dele um ser diferenciado. É de se estranhar que o professor de Educação Física, mesmo tendo consciência do movimento, se comporta e reproduz esse comportamento durante seu ato pedagógico, como um animal que não possui consciência, tratando o corpo como um mero objeto.

Mas se eu tivesse que falar hoje sobre a educação física e o corpo eu diria que a questão da consciência corporal é importante. Aí eu viria pela aprendizagem, pela consciência individual, a consciência e a percepção corporal é uma questão que deve e pode ser trabalhada pela Educação Física. (PROFESSOR 5)

As falas mostradas reforçam essa dualidade. A consciência aparece como ideal pedagógico, mas não se altera a estrutura escolar que mantém o corpo na condição de objeto visado. O corpo aparece conotando a funcionalidade que abraça o sujeito durante suas tarefas motoras, na medida em que é preciso um corpo funcionando bem para que ele possa realizar suas tarefas. No entanto, o não encontro de palavras para explicar a estética e a extrema intensidade em ressaltar a funcionalidade corporal destaca uma visão influenciada pela mídia. Nesse sentido, para fugir do modelo estético imposto pela propaganda, o professor de educação física se refugia na visão meramente orgânico-funcional.

Vejo uma visão funcional-orgânica do corpo que acaba causando bem-estar psíquico também. (PROFESSOR 6)

Nota-se que a funcionalidade emerge como núcleo de sentido dominante. O corpo é entendido pela via do desempenho, e o bem-estar psíquico aparece como efeito secundário de um corpo “funcionando bem”. A dicotomia corpo/mente não é explicitada, mas é silenciada como pressuposto organizador do discurso. O sentido da funcionalidade também pode estar relacionado ao bem-estar psíquico que aparece nesse discurso acima. A descrição poética retrata a importância do bom funcionamento do corpo como requisito para o bom funcionamento mental, dicotomizados pelos próprios professores que silenciosamente atribuem uma divisão simbólica entre corpo e mente. Por mais que os professores façam um discurso valorativo da Educação Física, está silenciado que eles reconhecem uma divisão entre corpo e mente que perpetua a desvalorização da Educação Física como disciplina que pode trabalhar a estrutura cognitiva.

A palavra Corpo também remete ao sentido de qualidade de vida, de saúde. Esse vocábulo foi escolhido pela maioria dos entrevistados para resumir a noção de corpo nas aulas de educação física. Observemos esta colocação:

Na minha opinião, deveríamos ter aulas falando sobre os benefícios da atividade física, cuidados que devemos tomar durante a atividade física, procurando trabalhar as valências físicas mais voltadas para a saúde da pessoa. (PROFESSOR 7)

Nessa perspectiva, o corpo toma um sentido de rendimento; por outro lado, evidencia uma formação discursiva centrada na promoção da saúde, alinhada a políticas públicas recentes, mas que mantém traços inequívocos do higienismo clássico. Em outras palavras, a fala do entrevistado evidencia sua preocupação com as valências físicas que podem beneficiar a vida dos indivíduos. Numa retrospectiva que a marca linguística corpo remete ao sentido de qualidade de vida, é perceptível o desejo do professor de elaborar um sentido de bem-estar físico para a formação dos indivíduos. O que se trata nas aulas de Educação Física? Está silenciado no discurso do entrevistado que as aulas de Educação Física não tratam dos benefícios da atividade física, o que abre uma lacuna para a inserção de conteúdos destinados a isto nas aulas de Educação Física.

Em primeiro lugar a importância da promoção da saúde para a qualidade de vida dos alunos. (PROFESSOR 9)

O sentido existente é de que a atividade física expressa no corpo do homem tem importância na qualidade de vida e interação deste homem com a atividade física e o meio ambiente privilegia o corpo. Há um conjunto de ideias que é destinada a superar a visão orgânica do corpo e reconhecer a ação corporal na qualidade de vida humana.

A promoção da saúde revestida do desejo de qualidade de vida, subentende imaginariamente a experimentação subjetiva de uma saúde como elemento simbólico imprescindível para a vida humana. A qualidade de vida reflete a satisfação humana dos objetivos e desejos positivos sobre os negativos. Reflete a capacidade imaginária das pessoas de satisfazer suas necessidades psicofísicas, míticas e religiosas. Todavia, é necessário mostrar que a Educação Física não privilegia a promoção da saúde, o que está silenciado na fala do entrevistado, se ausentando atualmente deste compromisso.

Porque a criança precisa da higiene, porque ela precisa saber que cuidando do seu corpo terá uma boa saúde, uma boa vida. A promoção da saúde no âmbito escolar requer o desenvolvimento de ações integradas com os diversos assuntos que envolvem educação, saúde, meio ambiente, trabalho, cultura, música, educação física, alimentação saudável. (PROFESSOR 10)

A necessidade de se ter hábitos saudáveis de vida evidencia que os indivíduos ainda vivem uma visão higienista de Educação Física. Aparece veladamente a padronização dos corpos influenciada pela mídia, na medida em que as crianças que não apresentam esse padrão precisam ser enquadradas nos

hábitos de higiene e de beleza rapidamente. A Educação Física teria essa missão de padronizar as crianças.

A marca linguística Educação Física aparece nos discursos dos entrevistados com o sentido de Cidadania e de Prática Sociocultural. Inicialmente, a palavra Educação Física remete o sentido de Cidadania. Observemos estas colocações:

Iria ressaltar a importância da educação física quanto a formação do cidadão. (PROFESSOR 2)

A Educação Física deveria ser mais voltada para a manutenção da vida da pessoa, para ela virar adulta e ser um bom cidadão. (PROFESSOR 3)

Quando tratamos da organização das sociedades, sempre levantamos as questões relacionadas aos direitos e deveres de um cidadão. Tudo aquilo que é lícito e ilícito deve ficar bem claro para que a sociedade possa sobreviver. Na fala do entrevistado, o discurso nos traz a perspectiva de que a educação física deveria contribuir para formar o cidadão. Entretanto, revela-se nesse discurso que a Educação Física atual não forma cidadãos. São considerados marginalizados e menos capazes intelectualmente. Então o que ela forma? Marginais? Aqueles que estão sentados na sala de aula assistindo aulas de matemática ou português são vistos como cidadãos.

A marca linguística Educação Física aparece também no discurso dos entrevistados com o sentido de prática sociocultural.

A Educação Física se fecha um pouco para essas questões ficando muito presa ao desporto e esquecendo do corpo que joga, do corpo que luta, do corpo que dança, que tem uma história, que tem uma cultura, que tem um gesto cultural. (PROFESSOR 8)

Aqui, a disciplina é vista como prática sociocultural, vinculada à história e à cultura dos sujeitos. Esse discurso se opõe à hegemonia esportivizada, denunciando seu reducionismo e os limites formativos do modelo competitivo. Vivemos uma Educação Física que se preocupa demasiadamente com o desporto e despreza o corpo que joga. A Educação Física está desprezando o corpo que busca um contato com a transcendência, com o sobrenatural, com aquilo que possa liberar o homem das mazelas cotidianas. Nesse sentido, o jogo é um ritual sagrado que evoca um mito. E o silenciado deste discurso é que o mito evocado é do corpo como forma de alcançar o inalcançável. O corpo é o instrumento utilizado para evadir do cotidiano e mergulhar numa nova dimensão de compreensão das subjetividades humanas. Através desse corpo que joga, é

possível compreender o ser humano. Entretanto, percebe-se que a educação física centrada nos desportos é limitada e insuficiente para formação do indivíduo, na medida em que o desporto não supre todas as carências existentes naquele espaço sociocultural.

A Educação Física é social, ela é um grupo e não é sozinha, com a finalidade de tem sentido quando for dirigida para a promoção do ser humano, através da valorização de suas potencialidades, do respeito à individualidade, do estímulo à criatividade e da busca do prazer na atividade desenvolvida. (PROFESSOR 4)

Observa-se a produção de um corpo dotado de consciência, atributo que diferencia humanos e animais. Este discurso está ancorado na tradição filosófica que distingue organismo e sujeito, sugerindo que é a consciência que funda a corporalidade humana. Percebe-se no discurso que a Educação Física é pertencente à sociedade. E como sociedade, é educativa. A ação desenvolvida entre os homens os educa, ao interagirem, educando-se entre si. Os homens formam uma sociedade. Todos viemos ao mundo inacabados e precisamos trabalhar, estudar e nos desenvolvermos para suprimos nossos desejos e necessidades.

Entretanto, ressalta-se um caráter individualista e solitário ainda presente nas aulas de Educação Física. Os alunos preocupados com a competição excessiva na sociedade transmitem para a quadra essa valorização excessiva pelo vencedor. O modelo neoliberal que nos impõe as leis do mercado ensina às crianças desde pequenas que o melhor é sempre o vencedor e que todo o resto é composto por fracassos. Os alunos vivem a experiência de que só importa vencer. Em virtude disso, o discurso silencia o individualismo crescente nas aulas de Educação Física. O professor 5 (cinco) diz que: “a minha abordagem seria a educação física através da cultura”

Se a Educação Física é coletiva, ela também é cultural, pois na medida em que os grupos se organizaram em sociedade, sabe-se que houve desenvolvimento cultural anterior. A cultura é o conjunto de tradições, regras e símbolos que moldam e são representados como sentimentos, pensamentos e comportamentos de grupos. A Educação Física como elemento cultural possui suas regras, seus símbolos e seus padrões de comportamento. É a cultura que organiza o comportamento em sociedade.

Entretanto, a Educação Física é cultural e social, o discurso nos leva a entender que a Educação Física é marcada por diferenças. Na situação atual, a Educação Física durante o processo de ensino aprendizagem teria o papel de trabalhar as diferenças, pois está preocupada em padronizar o ensino e os valores, esquecendo de que a sociedade é formada por seres heterogêneos e que é um dever do professor de Educação Física valorizar essa diversidade.

A marca linguística Criança aparece nos discursos dos entrevistados com o sentido de ludicidade e de autonomia. Inicialmente, a palavra Criança remete ao sentido de ludicidade. Observemos esta colocação:

E através do lúdico você pode imaginar, você pode criar, você pode ousar para que essas crianças tenham uma melhor aprendizagem.
(PROFESSOR 1)

Na fala mostrada, a criança aparece conotando um ser lúdico, que existe nas aulas de educação física. A ludicidade não está fechada em si mesmo, mas junta a imaginação e a capacidade de criação das crianças. Tal ludicidade não é composta apenas por brincadeiras, mas pelo seu potencial simbólico de se associar à produção imaginária das crianças durante as aulas. Durante o movimento lúdico emerge as fantasias, os desejos e as subjetividades humanas que estão presentes naquele grupo.

A criança que brinca traz para si alguns fenômenos oriundos da realidade externa e manipula-os a serviço do sonho e da fantasia. Ao discutir o jogo, a literatura concorrente, em sua grande maioria, o torna no âmbito pedagógico como importante meio para desenvolver conteúdos que lhe são estranhos. O jogo é visto como uma ponte facilitadora para a aprendizagem de diversos conteúdos.

Eu estaria falando da importância do desenvolvimento corporal através do lúdico porque a criança aprende muito mais brincando do que numa coisa mais formal. (PROFESSOR 5)

É preciso romper com a ideia de que a brincadeira é algo descomprometido com a educação. A criança, desde o seu nascimento, está inserida num contexto social que não lhe é próprio. Ela chega ao mundo dos adultos, mas não está preparada para isso. A ludicidade é resultante do processo natural de relações com outros indivíduos de uma mesma cultura. A criança brinca porque na brincadeira reside a sua liberdade de ação.

Para a pedagogia corrente, é apenas um descanso ou o desgaste de um excedente de energia. Mas esta visão simplista não explica nem a importância que

as crianças atribuem aos seus jogos e muito menos a forma constante de que se revestem de jogos infantis, simbolismo ou ficção.

A análise do discurso nos permite uma aproximação do sentido de autonomia. A Educação Física se preocupa com a autonomia do indivíduo. A educação pelo movimento busca essa autonomia ao trabalhar habilidades motoras desportivas que auxiliem na formação da personalidade, na aquisição de valores e hábitos fundamentais ao convívio em sociedade, ao conhecimento do próprio corpo e à compreensão dos determinantes sócio-político-econômicos do movimento humano. Na verdade, está silenciado que desejam que as crianças sejam sempre pequenas e dóceis e não questionem a própria ação pedagógica e formadora de seus professores. Assim o professor 3 afirma que: “Usando coisas simples, trocando bala entre eles, um ajudando o outro que sabe menos, a fim de desenvolver a autonomia”

Nesse sentido, mesmo que os homens possam simbolizar, criar significado e atribuir sentido à vida, a fala do entrevistado evidencia que existe uma superioridade física de vital importância para as crianças e que deve ser trabalhada nas aulas de Educação Física. A partir do material analisado pode-se perceber que o homem possui um desejo de sempre eleger um melhor e um pior. E esse aluno melhor doaria seu conhecimento ao aluno considerado pior. É uma espécie de educação sacerdotal. O discurso silencia a preocupação das diferenças, a fim de que elas possam ser mais autônomas. É de se estranhar que o professor de Educação Física, mesmo tendo consciência da importância do desenvolvimento psicomotor, afetivo e cognitivo, se comporte e reproduza uma indiferença a respeito de jargões como melhor e pior, mais apto e menos apto.

4. Considerações finais

A análise de discurso realizada permitiu afirmar que as representações de corpo expressadas pelos professores de Educação Física em Maceió não se reduzem a valores culturais amplos ou a expectativas sociais já conhecidas pela literatura, antes, consubstanciam-se a partir do ideal físico do professor, revelando o modo como esses valores são reinscritos na prática pedagógica, configurando expectativas, tensões, contradições e silenciamentos específicos do contexto escolar investigado. Essas expectativas, inclusive, impactam diretamente suas práticas pedagógicas e a relação com os alunos, podendo

promover tanto aspectos positivos, como a valorização do corpo e da saúde, quanto os desafios relacionados à pressão e aos estereótipos. Este estudo aponta a necessidade de uma formação que promova uma visão mais inclusiva e diversificada do corpo no contexto educacional.

Os resultados preliminares indicam que muitos professores associam sua identidade corporal a valores de saúde e desempenho físico, e que essa percepção influencia diretamente a forma como conduzem as aulas e a interação com os alunos (SANTOS, 2023). A maioria dos entrevistados expressou uma preocupação em manter uma imagem corporal que inspire os alunos a valorizarem a prática de atividades físicas, reforçando a ideia de que o professor de Educação Física deve atentar ao mundo ideal para os alunos que estão passando no processo de ensino e aprendizagem.

Para nosso entendimento, construir valores, sentidos e significações na Educação Física Escolar é um desafio diário para todos os educadores. A partir de agora, somos conhecedores de uma pequena parte das representações de corpo que podem orientar a ação pedagógica do professor de Educação Física. Outros estudos (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2015) mostram que essa pressão por uma aparência corporal ideal pode levar ao estresse e ao desgaste.

Finalizamos este trabalho lembrando Castoriadis (1997), ao afirmar que a realidade que conhecemos é uma construção simbólica a partir do Imaginário, de forma que a sociedade em que vivemos contempla uma miríade de significações construídas na práxis, no complexo teórico-metodológico imbricado no movimento dos fenômenos que constituem a realidade.

Referências

CASTORIADIS, C. El imaginario social instituyente. **Zona erógena**, v. 35, n. 9, p. 1-9, 1997.

DARIDO, S.C; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papirus, 2015.

FERREIRA, H. J.; JÚNIOR, R. A.; SALLES, J. G. Reseña de "Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas" de Luis H. de Toledo e Carlos E. Costa. **Movimento**, v. 17, n. 2, p. 281-290, 2011.

FERREIRA, N.T.; COSTA, V.L.M. Ciências Humanas e imaginário social. In: FERREIRA, Nilda T.; COSTA, Vera L. (Orgs). **Esporte, jogos e imaginário social**. Rio de Janeiro: Shape, 2003, p.17-36.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Leya, 2013. FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1997.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record, 2011.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

MERLEAU-PONTY, M.; MÉNASÉ, S.; NEEFS, J. Notes de cours «Sur Claude Simon». Présentation. **Genesis (Manuscripts-Research-Invention)**, v. 6, n. 1, p. 133-165, 1994.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo, Saúde em debate, 2021.

NEIRA, M. G.; LOPES, J. P.; VIEIRA, Rubens A. Currículo cultural da Educação Física e a perspectiva rizomática do conhecimento. **Dialogia**, n. 51, p. e27728-e27728, 2024.

ORLANDI, Eni P. **Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, R. **Identidade e imagem corporal entre professores de Educação Física**. Papirus:Recife,2023.

SOUZA, C.R. **Educação Física e representações corporais: aspectos culturais e educacionais**. Belo Horizonte: local e data.

VIEIRA, N. S. et al. Retratos sociológicos: pesquisa de revisão de literatura sobre a compreensão das trajetórias pessoal e profissional de professores de Educação Física. **Educação: Teoria e Prática**, v. 33, n. 66, 2023.